A ESCUTA ATENTA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES, GESTOS E VÍNCULOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

MARIA MADALENA IOVONOVICH

RESUMO
Este artigo discute a importância da escuta atenta do professor na Educação Infantil, especialmente na primeira infância, como prática pedagógica essencial para a construção de vínculos, o desenvolvimento integral da criança e a formação de um olhar docente sensível e ético. A análise destaca que escutar vai além do ato de ouvir palavras: envolve observar gestos, expressões, silêncios e movimentos corporais, reconhecendo a criança como sujeito ativo, capaz de interagir, produzir cultura e participar da construção do conhecimento. Ao integrar cuidado e educação, o professor atua como mediador sensível, respondendo às necessidades singulares de cada criança e promovendo experiências educativas significativas. A escuta atenta favorece, ainda, o desenvolvimento de competências socioemocionais, fortalece vínculos de confiança e transforma a prática docente, tornando-a mais humanizada, reflexiva e dialógica. Além disso, o estudo evidencia que a experiência cotidiana do professor é formadora de seu olhar pedagógico, permitindo compreender a singularidade de cada criança e ajustar as intervenções de forma intencional. A reflexão sobre a escuta também evidencia a necessidade de postura ética e respeito à diversidade, alinhada aos princípios das DCNEI (2009), da BNCC (2017) e da LDB (Lei nº 9.394/1996). Por meio da escuta, o professor se coloca como parceiro das descobertas da criança, reconhecendo que aprendizagem e cuidado caminham juntos, promovendo uma educação que valoriza a infância como tempo presente de direitos, brincadeiras, interações e construções de sentido
Palavras-chave: Educação Infantil; Escuta Atenta; Primeira Infância; Formação Docente; Vínculos; Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil a primeira etapa da Educação Básica conforme citado pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996) sobre a Educação Infantil está no Artigo 29: "A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade."

A primeira infância, período que compreende os primeiros anos de vida da criança, é marcada por descobertas, construção de vínculos e desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas e socioemocionais. Rosseti-Ferreira (2011, p. 38) explica que “todo recém-nascido humano é imaturo e incompleto, sobretudo do ponto de vista motor, o que o torna extremamente dependente de outro ser humano. Seu acesso ao mundo e sua sobrevivência dependem da mediação de outros membros mais competentes da espécie. Por outro lado, nasce com uma organização comportamental e uma rica expressividade, que favorecem seu contato emocional e seu diálogo com outras pessoas humanas.”

A educação infantil se destaca como um importante espaço para a formação integral da criança, contemplando as diferentes dimensões para formação do sujeito, o que engloba as dimensões cognitivas, sociais, emocionais, culturais e afetivas. Dentro deste contexto, destacaremos a importância da escuta atenta do professor de educação infantil como uma das principais competências especialmente na relação com bebês e crianças pequenas, cuja comunicação ainda não se dá através da linguagem oral, mas por meio de gestos, expressões, silêncios e movimentos corporais. Escutar, portanto, não se reduz a uma técnica de observação, mas se coloca como uma postura ética e pedagógica que reconhece a criança como sujeito de direitos, capaz de produzir cultura e interagir ativamente com o mundo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforçam a importância de compreender a infância como tempo presente, no qual a criança não apenas se prepara para o futuro, mas já participa ativamente de processos de construção de saberes, vínculos e significados.

Assim, o professor é desafiado a assumir o papel de mediador sensível, cenário capaz de interpretar os sinais infantis e ajustar suas práticas de acordo com as necessidades e interesses do grupo.

No da educação infantil, a escuta atenta ganha relevância por ser uma prática que possibilita a construção de vínculos, o fortalecimento da confiança e o desenvolvimento de experiências educativas mais significativas. Ao acolher o choro, a curiosidade ou a recusa da criança como manifestações legítimas de sua expressão, o educador amplia sua própria compreensão da infância e ressignifica sua prática docente. Dessa forma, a escuta deixa de ser apenas uma ferramenta pedagógica e se transforma em um modo de estar com a criança, promovendo interações mais humanizadas, dialógicas e intencionais. Diante desse contexto, surge a seguinte questão central que orienta este estudo:

De que maneira a escuta atenta do professor de Educação Infantil, especialmente na primeira infância, contribui para a construção de vínculos, o desenvolvimento integral da criança e a formação de uma prática docente ética e sensível?

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a escuta atenta do professor de Educação Infantil como parte essencial do processo pedagógico, considerando sua relevância na construção de vínculos, na compreensão dos sinais infantis e na promoção de uma prática docente humanizada, ética e intencional, capaz de valorizar a infância como tempo presente e de exercer a mediação educativa de forma consciente e respeitosa.

DESENVOLVIMENTO

A ESCUTA ATENTA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A primeira infância, período que compreende os primeiros anos de vida da criança, é uma fase marcada por momentos de descobertas, construção de vínculos e o desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas e socioemocionais. Rossete- Ferrari (2011 p. 38) explica que,

Que todo recém-nascido humano é imaturo e incompleto, sobretudo do ponto de vista motor, o que o torna extremamente dependente de outro ser humano. Seu acesso ao mundo e sua sobrevivência dependem da mediação de outros membros mais competentes da espécie. Por outro lado, nasce com uma organização comportamental e uma rica expressividade, que favorecem seu contato emocional e seu diálogo com outras pessoas humanas. Esses parceiros inserem o bebê em um mundo organizado conforme as representações e expectativas que têm sobre aquela criança, sobre seu desenvolvimento e sobre seu próprio papel com relação a ela, representações essas adquiridas em sias experiencias de vida em um meio sócio-histórico específico.

É dentro deste contexto, que encontramos o professor da Educação Infantil, em especial o que atua com bebês e crianças bem pequenas, assumindo assim um importante papel o de ser o mediador do saber, capaz de interpretar e responder às múltiplas formas de se comunicar da criança. É a partir deste ponto de vista em que destacamos a relevância da escuta atenta onde se apresenta como uma das competências mais essenciais da prática docente.

Ao ingressar na carreira, é comum que muitos professores chegam à escola carregados de expectativas e dúvidas, acaba que se tornando habitual que professores em sua primeira experiência com crianças pequenas, sintam insegurança diante do choro, das necessidades não verbalizadas e das reações inesperadas. Afinal, a linguagem oral ainda não está plenamente desenvolvida nessa etapa, e a comunicação aconteça principalmente através de gestos, expressões faciais, movimentos corporais e entonações de voz. A escuta atenta, nesse caso, não se limita ao ouvir palavras: envolve “ouvir” com os olhos sabendo assim saber reconhecer os sinais que são emitidos pela criança.

Fernandes e Ramos (2022) esclarecem que,

a formação docente para atuação na educação infantil exige de nós a clareza de suas funções indissociáveis, quais sejam, cuidar e educar a fim de que sejam rompidas as fragmentações entre essas duas esferas as quais constituem a natureza do próprio trabalho docente nessa etapa da educação. Nesse caso, cuidar e educar, conforme explicita Bujes (2001) significa reconhecer que as crianças de 0 a 5 anos possuem necessidades de atenção, afeto, segurança, cuidados e

experiências educativas sem os quais dificilmente conseguiriam sobreviver e se desenvolver. Simultaneamente, elas estão inseridas em um mundo repleto de descobertas, possibilidades, interações e estímulos que se ofertam à sua percepção, assimilação e compreensão da realidade.

Essa compreensão reforça que a escuta atenta não é um elemento isolado da prática, mas parte de uma postura integral do professor diante das crianças. Quando reconhecemos que o cuidar e educar caminham juntos, o educador compreende que a observação e a interpretação dos sinais na infância não apenas garantem o bem-estar físico e emocional, mas ampliam as oportunidades de aprendizagem.

No cotidiano da primeira infância a escuta sensível do adulto a um momento de choro durante uma vivência que o leve a entender não se tratar apenas sinal de desconforto, mas o sinal de cansaço ou necessidade de proximidade saber identificar que um olhar fixo para algum objeto indica interesse e curiosidade ou compreender que a recusa em participar de uma proposta pode estar ligada à insegurança diante de algo novo, faz com que o professor possa ter uma escuta com mais atenção agindo de forma

afetuosa, ajustando suas intervenções para acolher a necessidade imediata e, ao mesmo tempo, potencializar o desenvolvimento.

As DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil), consideram os bebês e as crianças como sujeitos históricos de direitos que:

[...] nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Resolução n. 05, 2009, p.1)

Dessa forma, a escuta atenta ultrapassa a dimensão técnica e assume um caráter profundamente humanizador. Ao reconhecer bebês e crianças como sujeitos históricos de direitos, conforme explicitam as DCNEI, o professor compreende que cada gesto, olhar ou manifestação é parte do processo de construção de identidade e cultura. Assim, interpretar o que a criança expressa ainda que de forma não verbal é também reconhecer e validar sua participação ativa no ambiente escolar.

Essa conduta exige do professor não apenas sensibilidade, mas também intencionalidade pedagógica. Ao perceber um sinal de interesse ou insegurança, o professor pode reorganizar a proposta, adequar os materiais, modificar o ritmo ou simplesmente oferecer sua presença física e emocional.

A experiência como formadora do olhar

O professor em sua formação aprende a teoria, quando este assume pela primeira vez uma turma de bebês ou crianças pequenas, se depara muitas vezes com uma realidade, não existente nos livros, com um universo de linguagens, comportamentos e necessidades que, muitas vezes, não aprendeu como interpretar durante sua formação inicial. O choro frequente, a diversidade de ritmos de cada criança, as manifestações não verbais e a imprevisibilidade das situações do cotidiano o que pode gerar dúvidas sobre como agir e qual a melhor forma de atender cada demanda.

É nesse cenário que o tempo e a experiência começam a desempenhar um papel fundamental, sobre as ações do adulto com a criança. O convívio diário com as crianças e a observação constante das interações vão se apurando, pouco a pouco, um olhar mais cuidadoso e sensível. Com o passar do tempo, o professor deixa de reagir de forma

imediata e insegura passando a responder de maneira mais precisa e intencional. Fernandes de Ramos (2022) enfatizam que,

Face ao exposto, a formação docente para atuação na educação infantil exige de nós a clareza de suas funções indissociáveis, quais sejam, cuidar e educar a fim de que sejam rompidas as fragmentações entre essas duas esferas as quais constituem a natureza do próprio trabalho docente nessa etapa da educação. Nesse caso, cuidar e educar, conforme explicita Bujes (2001) significa reconhecer que as crianças de 0 a 5 anos possuem necessidades de atenção, afeto, segurança, cuidados e experiências educati-

vas sem os quais dificilmente conseguiriam sobreviver e se desenvolver. Simultaneamente, elas estão inseridas em um mundo repleto de descobertas, possibilidades, interações e estímulos que se ofertam à sua percepção, assimilação e compreensão da realidade.

Diante disso, entende-se que a experiência do professor com crianças pequenas se torna um importante elemento para sua formação, o que complementa a teoria adquirida nos cursos de graduação. É no dia a dia, no contato direto com os bebês e crianças, que o professor desenvolve e aperfeiçoa a sua prática, criando em si a capacidade de reconhecer sinais sutis, interpretar necessidades e ajustar suas práticas de acordo com a necessidade de cada bebê e criança. O entrelaçamento entre cuidar e educar, destacado por Fernandes e Ramos (2022) e por Bujes (2001), se concretiza nas pequenas ações diárias: quando se acolhe um choro de uma criança, o professor não apenas atende a uma necessidade física ou emocional, mas também transmite segurança, constrói vínculos e dá condições para novas aprendizagens.

Durante o dia a dia de sua prática, o educador compreende que a escuta atenta e a observação são ferramentas indispensáveis para sua prática. Então a escuta do professor na educação infantil não significa apenas ouvir palavras, mas é estar disponível para compreender os gestos, as expressões e os silêncios que compõem as múltiplas linguagens da infância. O escutar na infância possibilita que o professor se torne um mediador sensível, capaz de equilibrar as dimensões do cuidado e da educação, reconhecendo que ambas fazem parte de um mesmo processo de desenvolvimento humano.

Assim, a experiência cotidiana não apenas fortalece a prática docente, mas também transforma o próprio professor. Ele passa a perceber que cada criança traz consigo um repertório singular de vivências, saberes e modos de se relacionar com o mundo. Esse reconhecimento exige uma postura ética, pautada pelo respeito à diversidade e pela valorização da infância como tempo presente, e não apenas como preparação para o futuro. Assim temos a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que orienta sobre a criança que temos dentro do cenário da educação infantil

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré- escola

O documento revela que a prática docente tende a ser transformada a partir da escuta e do reconhecimento de que a criança é um sujeito singular, que traz consigo repertórios, saberes e formas de se relacionar com o mundo. Quando a BNCC (2017) mostra que a criança é um ser ativo, que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, julga e constrói conhecimentos por meio das interações e da ação no mundo físico e social.

Assim a construção da experiência pedagógica, passa a atuar como formadora assim o professor cria o seu próprio repertório ou técnica através da escuta atenta não se reduz a uma técnica, mas a uma postura ética e pedagógica diante da infância. Escutar, observar e interpretar são ações que se entrelaçam e conduzem a práticas mais humanizadas, sensíveis e intencionais. A cada situação vivida seja diante do choro de um bebê, da curiosidade de uma criança que aponta para algo novo, ou da recusa em participar de uma atividade o educador tem a oportunidade de aprender e ressignificar sua prática.

Portanto, a experiência prática, aliada às orientações das diretrizes curriculares e da BNCC, fortalece a compreensão de que a infância é tempo presente e que a criança deve ser reconhecida como sujeito de direitos, capaz de construir cultura, interagir e aprender em contextos coletivos. O professor, ao se deixar transformar por esse processo, torna-se mais do que um transmissor de conteúdos: torna-se parceiro das descobertas da criança, alguém que aprende e en-

sina no movimento de troca constante que caracteriza a educação infantil.

A troca entre professor e criança

Na Educação Infantil, especialmente na primeira infância, a relação entre professor e criança é marcada por um intenso processo de troca. Essa troca não é apenas de conhecimentos ou experiências pedagógicas, mas envolve afetos, descobertas, gestos, olhares e construções coletivas de sentido sobre o mundo. Tanto o professor quanto a criança chegam à escola com expectativas e incertezas: o educador, muitas vezes, carrega dúvidas sobre como lidar com bebês e crianças pequenas, enquanto a criança chega a um espaço desconhecido, longe do ambiente familiar, necessitando de tempo para se sentir segura e acolhida. Segundo Goldschmied e Jackson (2006 p. 24)

Os adultos têm um papel importante na modelagem do comportamento das crianças, mas eles podem escolher entre fazê-lo de forma autoritária ou cooperativa, por meio de ordens ou negociação. Existem grandes evidências de que a segunda forma é de longe a mais eficaz, além de levar a menos conflitos e angústias. Esta é uma das razoes pelas quais colocamos tanta ênfase no uso pelas cuidadoras da negociação com as crianças, em um lugar da coerção, e na necessidade de os adultos ajudarem as crianças a negociarem umas com as outras.

Dessa forma, a troca entre professor e criança se fortalece quando o educador adota uma postura cooperativa, pautada no diálogo, na escuta e na negociação, em vez de recorrer a práticas autoritárias. Ao negociar, o professor reconhece a criança como sujeito ativo e participante, capaz de expressar opiniões, desejos e necessidades, ainda que de maneira não verbal ou por meio de gestos e ações. Essa postura contribui para que a criança se sinta respeitada e legitimada em sua individualidade, favorecendo a construção de vínculos de confiança e de segurança emocional.

Segundo Rosseti-Ferreira (2011, p. 490)

O educador constrói uma relação com o grupo. Nesse grupo ele constrói também uma relação com cada criança em particular, pois cada um é um. Cada ação do adulto para com uma criança gera uma certa reação; a mesma ação para com outra criança poderá gerar uma reação totalmente diferente.

Essa reflexão reforça a importância de compreender que cada criança responde de forma singular às intervenções do adulto, exigindo dele sensibilidade, flexibilidade e atenção às diferentes formas de comunicação infantil. Além disso, a negociação, ao contrário da coerção, possibilita que a criança desenvolva competências socioemocionais essenciais, como a autonomia, a capacidade de esperar, de ouvir o outro e de encontrar alternativas para resolver conflitos. Nesse processo, o professor não apenas ensina, mas também aprende, uma vez que cada situação exige dele novas formas de interpretar, acolher e responder. Assim, a troca se dá em via de mão dupla: enquanto o adulto ensina modos de convivência e respeito, a criança ensina o professor a olhar o mundo sob a ótica da curiosidade, da espontaneidade e da imaginação.

Além disso, a negociação, ao contrário da coerção, possibilita que a criança desenvolva competências socioemocionais essenciais, como a autonomia, a capacidade de esperar, de ouvir o outro e de encontrar alternativas para resolver conflitos. Nesse processo, o professor não apenas ensina, mas também aprende, uma vez que cada situação exige dele novas formas de interpretar, acolher e responder. Assim, a troca se dá em via de mão dupla: enquanto o adulto ensina modos de convivência e respeito, a criança ensina o professor a olhar o mundo sob a ótica da curiosidade, da espontaneidade e da imaginação.

A manutenção da situação de interação, com finalidades educativas, se dará enquanto for um processo interessante para o adulto, quanto para a criança: enquanto o adulto apresentar como proposta tiver algum sentido para a criança. No caso da criança de zero a seis anos, seu poder diante do adulto apresentar como proposta tiver algum sentido para ambos os níveis de desenvolvimento é notável no que diz respeito não só a quantidade de informações armazenadas ao longo da vida, mas, especialmente, à possibilidade de cruzamento destas informações entre si, da generalização ou particularização dos da-

dos, de sua adequação aos problemas que se colocam e do usufruto posterior. A despeito disso, sabemos que as funções elementares e complexas atuam desde que o bebê nasce. Cabe ao adulto responsável tentar conhecer as necessidades e características do processo de desenvolvimento da criança em questão, aliando a necessidade de ensiná-la a humanizar-se a necessidade de aprender as implicações deste processo de humanização para a criança. Oliveira (2010 p. 41).

A autora nos faz compreender que a interação entre o adulto e a criança na primeira infância não é um processo sim, mas é um processo vivo e dialógico. Quando o professor entende que suas propostas só fazem sentido se dialogarem com os interesses e necessidades reais da criança, ele passa a valorizar o caráter ativo e participativo da infância. A criança pequena não é apenas receptora de informações ela é capaz de elaborar hipóteses, relacionar experiências e produzir significados a partir das situações que vivencia no cotidiano.

Desta forma, o papel do professor é o de mediador que observa, escuta e dá condições para que essas potencialidades possam se sobressaltar. Ao propor uma atividade, por exemplo, não basta que o adulto tenha clareza de seus objetivos pedagógicos. É imprescindível levar em conta como a criança se envolve, que sentidos atribui à experiência e de que maneira a vivência contribui para seu processo de humanização. Esse olhar atento e sensível é o que transforma a interação em uma verdadeira troca, pois coloca professor e criança como sujeitos ativos em um mesmo processo.

Além disso, compreender as funções elementares e complexas que estão em desenvolvimento desde o nascimento do bebê permite ao educador respeitar o ritmo singular de cada criança. A troca não se limita ao âmbito cognitivo, mas envolve aspectos emocionais, sociais e culturais. Ao mesmo tempo em que o professor contribui para a construção de valores, regras de convivência e aprendizagens, ele também é desafiado a rever suas concepções sobre infância, a flexibilizar suas práticas e a acolher a diversidade de modos de ser e estar das crianças. Assim, a relação de troca na Educação Infantil vai muito além do ensino de conteúdos formais. Ela é um espaço de humanização mútua, no qual o adulto ensina e aprende, e a criança aprende e ensina. Esse movimento reforça a ideia de que a Educação Infantil deve ser vivida como um espaço de escuta, respeito e diálogo, em que o encontro entre professor e criança se torna a base para o desenvolvimento integral, para a construção de vínculos e para a formação de sujeitos críticos e criativos.

CONCLUSÃO

A partir do estudo feito ao longo deste artigo, ficou evidente que a escuta atenta do professor de Educação Infantil é um elemento central na construção de uma prática pedagógica ética, sensível e intencional. Na primeira infância, período em que a comunicação da criança ainda não se dá de forma verbal, a atenção aos gestos, expressões, silêncios e movimentos corporais revela-se fundamental para compreender suas necessidades, interesses e emoções. Escutar, portanto, não se limita a uma técnica ou procedimento metodológico: é uma postura pedagógica que exige do professor disponibilidade, empatia, paciência e reflexão constante. Ao interpretar os sinais infantis, o educador consegue intervir de maneira adequada, equilibrando as dimensões do cuidado e da educação, oferecendo condições para que a criança se desenvolva integralmente em seus aspectos físico, cognitivo, socioemocional, cultural e afetivo.

A experiência cotidiana do professor com bebês e crianças pequenas configura- se como formadora do olhar, permitindo que ele desenvolva habilidades que ultrapassam a teoria aprendida na formação inicial. A convivência diária, o contato direto com as crianças e a observação das interações possibilitam ao educador reconhecer sinais sutis, interpretar necessidades, adaptar estratégias pedagógicas e responder de maneira mais consciente e intencional. Como destacado por Fernandes e Ramos (2022) e Bujes (2001), o entrelaçamento entre cuidar e educar é inseparável na Educação Infantil. Cada ato de cuidado, cada acolhida diante de um choro, cada incentivo à exploração do ambiente não se restringe a atender uma necessidade imediata, mas também forta-

lece vínculos afetivos, promove segurança emocional e cria oportunidades de aprendizagem significativa. Dessa forma, o professor não atua apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador sensível, capaz de construir relações respeitosas e estimulantes com as crianças.

Além disso, a escuta atenta fortalece a dimensão da troca entre professor e criança, transformando a interação em um processo dialógico e mutuamente enriquecedor. Ao adotar uma postura cooperativa, pautada no diálogo, na negociação e na atenção às necessidades de cada criança, o professor reconhece a criança como sujeito ativo e participante, capaz de expressar desejos, opiniões e sentimentos, ainda que de maneira não verbal. Como ressaltam Rosseti-Ferreira (2011) e Goldschmied & Jackson (2006), a negociação favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais, como autonomia, capacidade de ouvir, esperar e resolver conflitos. Nesse movimento de troca, o professor ensina e aprende simultaneamente: enquanto promove a construção de valores, regras de convivência e aprendizagens, também é desafiado a flexibilizar suas práticas, revisar suas concepções sobre a infância e se abrir para o olhar singular de cada criança.

A reflexão sobre a escuta atenta e a experiência formadora do olhar evidencia, ainda, a importância de considerar a criança como sujeito de direitos e protagonista de sua própria aprendizagem. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e a BNCC (2017) reforçam a necessidade de compreender a infância como tempo presente, no qual a criança participa ativamente da construção de saberes, vínculos e significados. Essa perspectiva implica reconhecer que cada gesto, expressão ou reação da criança carrega sentido e contribui para sua formação integral. O professor, ao perceber e valorizar essas manifestações, não apenas promove o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, mas também legitima a participação da criança na vida coletiva e na produção cultural.

Portanto, pode-se afirmar que a escuta atenta constitui um dos pilares da prática pedagógica na Educação Infantil, pois possibilita ao professor atuar de maneira ética, sensível e reflexiva, respeitando a singularidade de cada criança e contribuindo para a construção de vínculos de confiança, segurança e respeito mútuo. Esse compromisso ético e pedagógico transforma a prática docente, promovendo o desenvolvimento integral da criança e fortalecendo a compreensão de que cuidar e educar são dimensões inseparáveis na primeira infância. Ao assumir o papel de mediador atento, o professor torna-se um parceiro das descobertas e aprendizagens da criança, capaz de reconhecer, acolher e potencializar suas experiências, consolidando a Educação Infantil como espaço de valorização da infância, de construção de cultura e de desenvolvimento humano pleno.

Em síntese, a escuta atenta do professor de Educação Infantil não se limita a um instrumento técnico, mas se configura como um compromisso ético e pedagógico que permite a construção de uma prática docente mais humanizada, dialógica e transformadora. A criança, como sujeito ativo, é convidada a participar, experimentar, questionar e criar significados, enquanto o professor, por meio da observação e da interpretação sensível, aprende a responder de forma intencional, respeitando os ritmos e as singularidades de cada bebê ou criança pequena. A Educação Infantil, assim, torna- se um espaço de encontros ricos e significativos, onde professor e criança constroem juntos saberes, vínculos e experiências que fortalecem o desenvolvimento integral e consolidam a infância como tempo pleno de direitos, aprendizagens e descobertas.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC: Educação Infantil. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Disponível em: http://portal.mec.

gov.br/index.php?option=com_docman&-view=download&alias=11749- resolucao-c-ne-ceb-n-5-de-17-12-2009&category_slug=-dezembro-2009- pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 ago. 2025.

FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim; RAMOS, Estéfani Dutra. Sobre ser professor na Educação Infantil: caminhos, concepções e perspectivas. Teias, v. 23, n. 71, p. 213-232, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v23n71/1982-0305-teias-23-71-0213.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. Educação de 0 a 3 anos: atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006. Tradução Marlon Xavier.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (Org.). Educação Infantil: muitos olhares. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. Os fazeres na Educação Infantil. 12. ed. São Paulo: Cortez; Ribeirão Preto: Creche Carochinhas, [s.d.].